

4º Domingo do Advento (Ano B)

1ª leitura (Antigo Testamento) - II Samuel 7:4,8-16

Os livros de Samuel junto com Josué, Juizes, e os livros dos Reis fazem parte da revisão histórica feita pela comunidade que foi para o exílio babilônico no sexto século antes de Cristo. Nos primeiros capítulos do Segundo Livro de Samuel se relata a chegada de Davi ao trono de Israel, sua família e seus atos mais destacados como a fundação de Jerusalém e o traslado da Arca da Aliança para aquela cidade.

A idéia de Davi de construir um templo para o SENHOR, não era em nada diferente do que faziam todos os outros reis e rainhas de todos os povos do Antigo Oriente. No entanto, a profecia de Natã não se limita a concordar com a proposta de Davi, mas esclarece que O SENHOR não é qualquer deus mas é o Deus libertador do Egito (v.7), que cuidou do povo sem nunca querer nada em troca (v.8).

O discurso do profeta sobre o passado carrega uma mensagem indireta que parece dizer: "cuidado rei! Este Deus não pode ser comprado com um templo luxuoso!". O profeta adverte que Deus só estará do lado de Davi se este cuidar para que o seu povo não ande mais errante (sem terra), nem seja outra vez oprimido pelos poderosos (v.10).

A promessa da perpetuidade da dinastia de Davi (v.12, 13b e 16) foi interrompida pelo exílio babilônico. No entanto o povo exilado ainda mantinha a esperança da restauração do davidismo o que chegou a acontecer em Jerusalém após o exílio quando um descendente de Davi chamado Zorobabel chegou a governar (Ageu 2:20-23). Mas Zorobabel não passou de um funcionário do rei persa.

Jesus restaura a promessa como descendente de Davi (Lucas 1:27). Mas Jesus não é apenas um descendente de Davi, como todos os reis de Judá e Zorobabel. Jesus supera Davi como revelação do próprio Deus (Romanos 16:25-27). O templo de Jesus não pode ser destruído, pois é de pedras vivas, é a sua igreja! (1 Coríntios 3:16-17). No entanto não deve ser esquecido que Deus permanece libertador e não pode ser comprado por templos luxuosos e piedade egoísta e ainda se preocupa com pessoas errantes e oprimidas. (HMG)

2ª leitura (Epístola): Romanos 16.25-27

É considerado um grito de doxologia. "Ao Deus que é capaz... Ao Deus, o único sábio" são expressões que servem para colocar todo o resto entre parêntesis. (Donald Coggan, As orações do Novo Testamento). É a conclusão final da carta do apóstolo para ser lida em público, possivelmente, no contexto da assembléia litúrgica. Como lá, aqui também ouvimos como parte da celebração do quarto domingo do Advento.

Diga-se de passagem, que há debates sobre se o capítulo 16 fez parte autêntica da carta ou se foi apenas posteriormente, porque há variações nos manuscritos. O importante é que, original ou não, esse grito expressa a conclusão doxológica de uma epístola com visão ecumênica missionária de Deus.

A liturgia é a proclamação do mistério de Deus, o qual é o Evangelho de Jesus Cristo (vs. 25). Esse Evangelho revela o mistério, o qual, no plano de Deus, estava outrora oculto, mas que agora está revelado em Jesus Cristo. Então se trata de toda a iniciativa divina em sua bondade que nos reúne, em Cristo, neste tempo e neste local. Cada culto é expressão da graça que nos precede e é eucaristia (ação de graças, resposta possibilitada pelo Espírito Santo). Então, não estamos reunidos por acaso ou outra razão. A vinda de Jesus continua em nossas vidas. Essa universalidade do Evangelho, (vs. 26 - nações, gentios//1.5), também, não aconteceu, na última hora, por acaso, mas já foi prometida nas Escrituras. É, por essa razão, que não deixamos de ouvir e meditar as leituras do Antigo Testamento, nas celebrações. Também é um bom lembrete de que todos nós, outrora de fora, fomos acolhidos por Deus louvado e a quem louvamos, para, também, acolher os outros em seu Nome a fim de compartilharmos a fé que ouve a Deus (vs. 26) e vive no relacionamento de confiança para sua Missão. (ST)

Santo Evangelho – Lucas 1, 26-38

O profeta Natan prometia estabilidade à dinastia de Davi. Ora, para a realeza, era vital edificar o templo, lugar especial de habitação de Deus e sinal de Sua aliança com o rei.

Com Jesus, se revela definitivamente que Deus não habita em templos feitos por mãos humanas (At 7, 48-50). Nem toda a suntuosidade do templo de Salomão é digna da glória de Deus. Os templos têm sido mais santuários dos reis que de Deus. Os poderosos precisam da religião e de seus templos para legitimarem seu poder. Agora a glória de Deus é proclamada por meio de Jesus Cristo (Rm 16, 27). Em Jesus se estabelece a glória de Deus. É Ele o novo e definitivo santuário. É n'Ele que se acha o perfeito louvor. É disso que fala toda a Carta aos Hebreus.

Ora, quem é Jesus? É o profeta de Nazaré, filho de José e de Maria, homem, carne, isto é, frágil como todo ser humano. Na oferta radical de sua vida até a morte, a fé contempla o perfeito louvor, o sacrifício mais puro, o sacerdócio eficaz, o templo digno de Deus.

É essa a mensagem do Advento. O templo de Jerusalém já não é o centro. A Boa-Nova de Deus chega a uma região marginalizada, a Galiléia. Quem a recebe? Uma jovem camponesa, pobre e virgem. Para o evangelista, trata-se de obstáculo ainda maior que o da esterilidade. Izabel era estéril, mas tinha marido (Lc 1, 5), Maria, porém, "não tem relação com homem algum" (v34). Pois bem, Deus lhe fará nascer descendência e assim se firmará a Casa de Davi. Mas os títulos do novo rei ultrapassarão tudo o que se conhece da etiqueta palaciana: será Filho do Altíssimo, "seu reino não terá fim", nem limite de espaço, nem de tempo.

Maria é o símbolo do povo todo a acolher o Messias, conforme a profecia de Sofonias. É a nova Sião, o novo centro do país (Sf 3, 14-18). É a ela que se dirige a partir de agora o favor de Deus, é dela que nasce o povo eleito, escolhido, agraciado (v28). Por isso, essa atmosfera de alegria. É nessa jovem pobre que está sendo reconstruído o santuário de Deus. Não mais como templo fixo num lugar e feito por mãos humanas, mas semelhante àquela

tenda no deserto (At 7, 44-50), sobre a qual descia a sombra de Deus, sinal de Sua presença no meio do povo (v35; Ex 33, 9).

Maria, a primeira no povo dos crentes (v38), completamente entregue ao serviço de Deus, é símbolo e modelo de toda a Igreja. É como ícone (imagem) do Povo de Deus: é do povo que surge o Messias; é o povo que o acolhe com alegria; e, ao mesmo tempo, o Messias é o princípio regenerador do povo, pois é n'Ele que se acha a energia da salvação. Aqui reside o mistério de Jesus: Ele é o fruto das gerações humanas (Lc 4, 23-38) e, simultaneamente, é a divina semente de nova humanidade. Segui-Lo já será sentir o gosto de viver em nova criação. (SAGS)